



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CAROLINE GOULART E BETINA GÖRGEN**

**(Entrevista)**

**2017**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias  
**Número da entrevista:** E-798  
**Entrevistadas:** Caroline Goulart e Betina Görger  
**Nascimento:** não informado  
**Local da entrevista:** Campo Bom - RS  
**Entrevistadora:** Jamile Mezzomo Klanovicz  
**Data da entrevista:** 05/08/2017  
**Transcrição:** Wilian Antiqueira da Luz  
**Copidesque:** Jamile Mezzomo Klanovicz  
**Pesquisa:** Jamile Mezzomo Klanovicz  
**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner  
**Total de gravação:** 36 minutos e 54 segundos  
**Páginas Digitadas:** 14 páginas  
**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início no esporte; Trajetória no handebol; Estrutura do curso de arbitragem; Atuação como técnicas; Presença das mulheres no curso de arbitragem; Referências na arbitragem; Presença de público nos campeonatos de handebol; Dificuldades no início da carreira.

Campo Bom, 05 de agosto de 2017. Entrevista com Caroline Goulart e Betina Görger a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. - Gurias, primeiramente eu agradeço que vocês estão cedendo a entrevista e eu gostaria que vocês iniciassem me contando um pouco da formação de vocês e como que vocês iniciaram no esporte.

B.G. - Eu iniciei no esporte no ano de 2004, como atleta do Clube de Handebol de Capão da Canoa, e nele eu fiz toda a minha formação inicial até chegar na categoria cadete com 16 anos. Após os 16 anos eu estive jogando em Santa Catarina, joguei por Brusque, Itajaí e Balneário Camboriú<sup>1</sup> no mesmo ano, aí no ano de 2011 foi onde eu retornei e aí comecei minha formação como professora, aí vim a interromper um pouco a minha vida de atleta... E aí agora após quatorze anos no Clube de Handebol se formou a categoria adulta e eu retornei no ano passado as quadras, no ano de 2016, e agora esse é meu segundo ano como atleta.

C.G. - Eu comecei no esporte no ano de 2005, final de 2005 para 2006, no Clube Gao<sup>2</sup> que era de Osório<sup>3</sup>, que mais tarde no ano de 2010 se tornou a Associação Osoriense de Handebol. Joguei até 2011 em um clube de Santa Catarina, Santa/Feevale, que hoje não existe mais, que agora é a Liga. Em 2011 eu retornei no segundo semestre... É no primeiro semestre de 2011 eu ainda jogava pela Liga, mas estudava já para a formação... Já estudava Educação Física em Osório, conciliava os dois. Joguei um Campeonato Brasileiro para eles no meio do ano, aí no segundo semestre eu parei de jogar. Retornei esse ano jogando pelo Clube Capão da Canoa, e estou até hoje.

J.K. – Em relação a trajetória de vocês no handebol, quando foi que vocês ingressaram como árbitras de handebol?

---

<sup>1</sup> Municípios do Estado de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Grêmio Atlético Osoriense.

<sup>3</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

B.G. - Ambas fizemos o curso em 2012, na cidade de Sapiranga<sup>4</sup>, a principio foi o último curso realizado pela Federação Gaúcha de Handebol, então neste mesmo ano, boa parte do pessoal hoje que está na ativa fazendo arbitragem junto comigo e a Caroline também se inseriram neste mesmo curso, neste mesmo ano.

J.K. - E vocês podem me contar um pouco como funciona o curso de arbitragem?

C.G. - Assim, nós somos convidados... Há assim uma procura das pessoas para que queiram fazer o curso... O pessoal da Federação nos convida, neste nosso curso, foi por convite, mas futuramente pode ser aberto para mais pessoas que queiram fazer, mas na nossa época foi convite. É convidado, nós fazemos um curso, é ministrada uma palestra sobre revisão de regras, atuação do árbitro em quadra, nós fazemos uma prova escrita, mais de uma prova escrita durante... São duas provas teóricas, fazemos uma prova prática em apito dentro da quadra e fazemos uma parte física, que é uma prova física, que é um teste chamado Leger<sup>5</sup>, não sei se tu já conhece...

J.K. - Sim!

C.G. - Este teste, eles nos avaliam em estágios... A maioria das vezes é por idade, certa idade vai até tal nível, a nossa, 8,5, é o estágio que nós estamos aptos para ser árbitros, que seríamos aprovados. Daí foi no ano de 2011, 2012 que nós concluímos o curso e estamos até hoje.

J.K. - E atualmente mais ou menos quantos árbitros tem no quadro da Federação?

B.G. - Árbitras mulheres somos nós duas mais duas... *Bah*<sup>6</sup> é complicado a gente dá...

C.G. - Vinte, vinte e cinco...

B.G. - Mais ou menos nessa média...

---

<sup>4</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>5</sup> Teste de corrida para demonstrar resistência física durante corrida com velocidade.

C.G. - Tem mais árbitros, deve ter uns trinta, trinta árbitros só que alguns não estão em atuação neste ano. Então em média em atuação de quinze a vinte árbitros.

B.G. - Porque todo ano a gente faz uma reciclagem no início do ano que aí a gente passa por uma revisão de regras, ano passado teve algumas atualizações, esse ano tivemos algumas atualizações e aí as pessoas que fazem esta reciclagem estão aptas a apitar naquele ano, como se faz a reciclagem no início do ano, que é a forma que a gente chama, uma capacitação, e uma revisão de capacitação para que se possa apitar no ano atual.

J.K. - E vocês já chegaram a atuar como técnicas de algum time?

B.G. - Sim! Eu sou técnica do Clube de Handebol nas categorias de base, na categoria mirim, de 11 e 12 anos e categoria infantil que é de 13 e 14 anos, então eu atuo como técnica desde o ano de 2014 com as idades de 11 e 12 e no ano de 2016 eu vim assumir a categoria de 13 e 14 também, então atualmente as duas categorias de base trabalha eu e mais uma professora.

C.G. - Eu nunca atuei formalmente como técnica. No ano de 2010 eu iniciei o mirim de Osório, tanto que a Marcele<sup>7</sup> que jogou contra nós hoje foi minha aluna, ela iniciou comigo. Eu iniciei nas categorias de base porque eu trabalhava em uma escola e eu trouxe quase *toda a minha turma* para trabalhar comigo no mirim, todas eram dessa idade, e eu iniciei, eu fiz o ano de 2010 inteiro trabalhando com eles, mas como eu não tinha nenhum tipo de formação, o técnico responsável é que levava elas para as competições. Mas *oficialmente* eu não estou como técnica.

J.K. - E como é a presença das mulheres nos cursos de arbitragem, tem procura de mulheres para fazer o curso de arbitragem?

B.G. - Atualmente a Federação está em planejamento para um curso neste ano então, como nós contato muito grande com as meninas que jogam conosco na categoria adulta, e tanta outras meninas conhecidas de outros clubes, está tendo sim uma procura maior da parte

---

<sup>6</sup> Expressão Regional.

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação.

delas, principalmente na questão assim... Desde 2012, a partir do ano de 2013, eu e a Caroline fomos bem atuantes do quadro de arbitragem, a gente vem apitando bastante, presentes nas categorias de base, em algumas edições... Algumas fases de adulto também, então essa visibilidade também aumentou sabe, e a gente vê as meninas que jogam conosco mesmo, tem quatro que querem fazer o curso e tão aguardando. Então pelo que nós vimos assim tem uma procura bem grande, só agora faltou a data e a Federação confirmar realmente o curso.

C.G. - É, como a Betina falou, acho que depois da nossa visibilidade, como nós somos novas, elas viram que é possível elas atuarem nessa parte, nessa área da arbitragem e é um meio lucrativo, que tu se mantém no esporte que tu gosta e tu acaba criando uma profissão para ti. É a partir dessa nossa visibilidade que começou a aparecer mais pessoas do nosso convívio e das outras equipes. A equipe de Santa Maria<sup>8</sup>, duas meninas estão fazendo, estão atuando bastante em escolares, acho que os guris estão preparando elas para o curso. O pessoal da fronteira está tendo também duas meninas, lá da região de Bagé<sup>9</sup>, Pelotas<sup>10</sup>, está tendo... Acho que está criando um núcleo maior de mulheres dentro do nosso quadro, quem sabe futuramente estejam incluídas na Federação.

J.K. - Vocês tiveram referência de alguém para vocês quererem entrar na arbitragem?

B.G. - Questão de referência... Uma pessoa?

J.K. - Isso!

B.G. – Na verdade assim, sempre foi uma vontade muito própria, não partiu de alguma pessoa somente. Na minha família tem meu irmão que já atuou assim em muitas modalidades em questão... Como ele tem uma empresa de desporto, acontecia essa participação, mas uma pessoa específica não, eu acho que na verdade a gente fez o curso eu e a Carol, e aí desde lá a gente já vem com intenções, tanto que a nossa intenção desde o ano passado é realizar o curso nacional, que nem a Carol falou ali, é aquela visibilidade que o pessoal, as meninas veem hoje que é possível, tem um reflexo nacional e

---

<sup>8</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>9</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

internacional também sabe, porque a Confederação Brasileira<sup>11</sup> hoje tá insistindo muito em arbitras mulheres, isso é muito presente, até nós fomos convidadas, fomos escaladas para apitar uma Olimpíada Escolar esse ano. Para nós é uma valorização e uma gratificação muito grande, então até onde nós já sabemos, são onze duplas, não é, Carol? E somente duas ou três que não são femininas, algo assim, então dupla feminina do país inteiro assim sabe, eu tenho amigas de Santa Catarina que jogaram comigo quando eu estava lá, que hoje são duplas referências nacionais, fizeram o curso faz dois anos e estão apitando escolar, olimpíadas escolar, campeonato brasileiro e internacionalmente também. Tem uma dupla de gêmeas que elas são francesas que é referência hoje, elas estão em finais de Olimpíada, elas estão em Jogos Olímpicos o tempo todo e internacional e é referência hoje no país sem dúvida nenhuma no mundo todo.

C.G. - É, eu pude ver um jogo delas nas Olimpíadas, eu fiquei mais feliz porque eram elas apitando... Não que eu não estava valorizando os atletas, mas de poder ver elas, elas atuando. Então eu parava a maioria do tempo do jogo vendo elas atuar. Eu olhava elas, eu olhava o gesto delas, eu olhava o acompanhamento delas na jogada, o quanto elas estavam em cima do lance, mas estavam longe ao mesmo tempo para não interferir, essas coisas. Acho que quando a gente entrou... Para entrar na arbitragem eu acho que a gente não teve um... Assim uma pessoa ou algo que nos motivasse a isso, mas depois que nós entramos, nós acabamos criando, assim, espelhos, como elas, acaba que a gente quer ser como elas ou quer estar um dia aonde elas estão hoje, acho que é mais ou menos isso, não por... Não que a gente já tenha tido um espelho antes, mas acabou desenvolvendo no passar dos anos.

J.K. - Esse processo de passar pra árbitra nacional ou internacional, como que ocorre?

B.G. – Hoje a Confederação dentro de campeonatos brasileiros, ela faz um curso, na qual neste curso sempre, ele tem um local, e a Confederação seleciona árbitros, então ele é um curso extremamente, assim, como é que nós vamos dizer... Exigente! Questão de regras, questão de conhecimento de regras, questão de entrosamento da dupla, fator físico também, assim como... Na verdade assim, o nosso curso estadual, ele é um curso que é proximal daquilo que é na Confederação, claro, sem dúvida nenhuma, a exigência deles é

---

<sup>10</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>11</sup> Confederação Brasileira de Handebol.

muito maior, mas a organização para que isso aconteça ela parte da sede da competição então, a sede que nós falamos é [palavra inaudível]... Que nem agora no Rio Grande do Sul vai ter um Campeonato Brasileiro, se a Federação Gaúcha tiver o interesse de trazer este curso para o campeonato, eles tem que ir atrás da Confederação que aí a Confederação vai mandar uma pessoa para nos formar, então a gente fica aí, seis dias, cinco dias que é o tempo do curso em formação. O trabalho físico de manhã, é apito a tarde, a gente apita um jogo por dia, eles nos avaliam, então assim, tu é avaliada todos os dias, todos os jogos que tu está apitando, e tem prova teórica também, existe um protocolo de 300 e poucas questões em cima do que a gente estuda, essas questões são selecionadas para essa prova. É muita questão, e a gente tem que estudar e buscar o trabalho físico, o trabalho teórico para estar apta a passar.

J.K. - E atualmente vocês só dedicam a arbitragem, ou vocês têm outra forma de renda, trabalho?

C.G. - Infelizmente, nós queríamos que fosse assim, mas é inviável, pois não tem como nós... Infelizmente o nosso estado não tem uma competição que seja... Não tem tantas equipes, não tem tantas competições, para que seja regular e que para que nós apitássemos regularmente. Existem meses que a gente apita três finais de semana de quatro, e tem meses que a gente não apita nenhum, entendeu? É essa irregularidade de competições e datas que não nos deixa viver só disso, e também, é só um final de semana, a gente pode fazer um... Trabalhar a semana toda e a gente adora trabalhar no nosso emprego, com o que a gente faz, porque é na nossa área, a Betina com handebol, com academia, eu com academia, eu adoro trabalhar fazendo o que eu faço, me dá muito prazer, e me dá muito prazer está dentro da quadra também. Então eu conseguindo conciliar para mim fica ótimo.

B.G. - Tanto eu quanto a Caroline somos formadas em Educação Física, então nós trabalhamos na área e diferente de algumas Federações hoje, a Federação Gaúcha de Futsal é um exemplo. Eles têm jogos durante a semana para estar na ativa, nós temos os finais de semana, então, as nossas competições acontecem por fases, nós temos as fases de todas as categorias hoje dentro de dias como sexta, sábado e domingo. Eu, trabalho como técnica também na categoria de base de um clube, por esse motivo eu só apito naipe masculino, não apito naipe feminino, porque em todas as categorias femininas o Clube de Handebol

participa. E também nós duas como atletas do adulto a gente não pode, nos anos anteriores, quando nós não estávamos jogando, nós apitávamos também o feminino. Eu trabalho com aluno também, e com academia diretamente com *personal* então na nossa área é uma satisfação a gente está sempre ou apitando ou no nosso trabalho do dia a dia... Gostaríamos na verdade de nos dedicarmos mais a arbitragem, mas ao mesmo tempo não gostaríamos de deixar aquilo que a gente faz extra, então, para nós é gratificante.

J.K. - E em relação a presença de público, tanto nas competições que vocês participam como atletas, como arbitrando os jogos, como é que é?

B.G. - Hoje a realidade da nossa modalidade, mesmo ela tendo uma visibilidade maior, ela ainda não é realmente aquela, como nós vamos dizer, aquela presença de público que é em algumas outras modalidades. Acho que a visão que se tem do handebol, ele é um esporte realmente encantador, ele é um esporte apaixonante, todo mundo que descobre o handebol como algo novo tem essa visão, mas ao mesmo tempo nosso público são aqueles apaixonados pelo handebol. A gente sabe que tu viver de esporte no Brasil sem ser o futebol que é a par de qualquer modalidade, é mais difícil, então assim como o vôlei ganhou um espaço muito bacana, o basquete também, hoje o handebol vem ganhando esse espaço. Acho que as Olimpíadas trouxe muito disso, tanto que foi uma das modalidades de maior público nas nossas Olimpíadas, mas assim, quem está normalmente no ginásio, é o pai, é a mãe, é o amigo, é o namorado, é a namorada, são aquelas pessoas que estão ali no nosso dia a dia, sabe, são aquelas pessoas que nos acompanham no dia a dia, então sempre tem um público amante nosso, do esporte, então não é um público grande, a gente não pode dizer assim: “Nós vamos lotar esse ginásio, para trazer uma competição.” Algumas equipes conseguem, sabe, a equipe da APAHAND<sup>12</sup>, que hoje joga uma competição nacional, quando tem jogo lá consegue isso, então, sem dúvida nenhuma gostaríamos que isso aqui... Esse ginásio estivesse cheio, claro, mas a gente sabe também que questão de dias e o pessoal trabalha também no final de semana, mas quem está aí sempre está para acompanhar como pode.

J.K. - E quando vocês começaram a arbitrar, vocês sentiram algum tipo de dificuldade no início?

B.G. - Sim, claro! Assim como no início de toda a caminhada, tanto na questão de trabalho, qualquer área, no início a gente é inexperiente, então hoje a experiência nos ajuda em alguns momentos. Claro, sem dúvida, e quando nós iniciamos também tem a questão de afinidade, a dupla... O handebol é muito rápido, tudo acontece muito rápido assim, então, aquela coisa da sincronia faz diferença sabe, e quando nós iniciamos isso não tinha. Então tem aquela coisa assim de reflexo para apitar, aquilo ali tu já viu várias vezes, tu está iniciando, tu não viu aquilo ali ainda, tu não vivenciou então, claro, no início, vamos dizer, no nosso primeiro ano, nós tivemos algumas dificuldades. Tivemos, mas com a mente bem aberta sabe, desde quando nós iniciamos, nós sempre tivemos uma contribuição grande dos árbitros mais antigos, isso para nós sem dúvida nenhuma, hoje todo o crescimento que eu e a Carol a gente teve dentro de quadra vem a somar com as pessoas que trabalham junto conosco. Tanto que a gente apita com árbitros que estão dentro de quadra trinta anos apitando, sabe, e eles nunca mediram esforços de nos ajudar, em nenhum momento, em nenhum jogo, então isso para nós sempre nos ajudou, claro que no início foi difícil, mas...

C.G. - É, eu acredito que as dificuldades desde o início até hoje existem, em nenhum momento a gente sabe tudo ou alguma coisa assim, mas a gente vai... Com o nosso entrosamento, com a ajuda dos nossos colegas, cada vez mais a gente vai superar estas dificuldades e entender, compreender e estudar isso para nos ajudar e nos auxilia a fazer um trabalho melhor. Se a gente tem dúvida? Tem, claro, quando não! Todos os lances são os mesmos, mas em momentos diferentes, jeitos diferentes, às vezes acaba aquele momento, um segundo do lance a gente acaba ficando em dúvida. Mas graças à nossa convivência, apenas em um olhar eu sei o que ela está pensando, apenas um gesto que ela faz, eu já sei o que ela vai fazer, o que ela vai dar. Eu acho que cada vez ao passar dos anos, ao passar do tempo a gente tem a melhorar principalmente no nosso entrosamento e na nossa experiência na quadra, e como *agir* nas ações que acontecem da melhor maneira.

J.K. - E em relação a arbitragem, quando vocês começaram a arbitrar aqui no Rio Grande do Sul já existia alguma outra dupla feminina?

---

<sup>12</sup> Associação dos Pais e Amigos do Handebol.

C.G. - Sim, já existia! A Gabi<sup>13</sup> e a Vanessa<sup>14</sup>, era a única dupla feminina que havia, infelizmente a gente não teve *muitos* jogos com elas porque logo elas pararam, a Gabi voltou ano retrasado, mas teve que parar de novo... Era muito bom, elas nos ajudavam demais, a Vanessa principalmente, era uma pessoa muito aberta a nos aconselhar, a nos ajudar em todos os fatores. Acho que a gente agradece muito a ela pela experiência que ela passou para nós por ser a única, uma das únicas mulheres que estavam no meio, sabe, ela foi bastante importante, e na motivação dela para que nós continuássemos. A Betina apitou mais com ela do que eu, ela teve mais a vivência com ela assim, e foi muito importante, acho que isso fez com que a gente crescesse cada vez mais.

J.K. - E antes delas, chegou a ter mais alguma outra dupla feminina?

B.G. - Que nós temos conhecimento, não. Eu acho que a Vanessa a Gabi elas foram meio que pioneiras na modalidade até onde nós sabemos, que no ano de 2012 quando nós iniciamos a Gabi já tinha previamente... Já estava previamente parando e a Vanessa por questões de trabalho foi morar em outro estado também. E eu acho que o legal assim, que elas deixaram, eu apitei bastante com a Vanessa, elas deixaram na verdade a questão de um sonho, elas tinham muita vontade de ser árbitros nacionais as duas, e a Vanessa principalmente que ela vivenciou um pouco mais comigo, ela sempre... Foi o que a Carol falou, ela sempre esteve disposta, sabe, sempre esteve disposta a ajudar e a contribuir e elas batalharam durante dois, três anos a questão de tentar o nacional, de ir para o curso, tem uma questão de idade... O curso nacional eles frisam muito o fator da pessoa ter no máximo 25 anos, pode ser mais velho que isso, mas eles frisam muito, eles pedem muito pela juventude. Mas em questão da Vanessa e da Gabi elas são pessoa que assim, para nós, elas não foram nosso espelho para começar. Hoje a gente carrega conosco um sonho que elas como árbitras mulheres tiveram dentro da quadra, que era o sonho de tentar ir para o nível nacional e levar o esporte, a modalidade, a arbitragem do handebol no naipe feminino, visando mais para a questão nacional. Então acho que sem dúvida nenhuma elas... A gente tem muito delas assim, elas deixaram um rastro bem legal para nós, bem bacana.

---

<sup>13</sup> Gabriele Bortoluzzi.

<sup>14</sup> Vanessa Denardini.

J.K. - E em relação a arbitragem no Brasil, vocês saberiam me dizer quem é/foi a primeira dupla feminina de handebol?

B.G. - A primeira dupla tu diz assim de tempos ou atuante hoje?

J.K. - De tempos.

B.G. - De tempos!

C.G. - Não são aquelas do Paraná?

B.G. - Bem complicado, tem duas meninas do Paraná...

C.G. - A Gissele<sup>15</sup>, e mais uma outra...

B.G. - Tem uma dupla também de Santa Catarina que é a Silvia<sup>16</sup> e a... Agora esqueci o nome da dupla dela, eu joguei com a Silvia quando eu joguei em Santa Catarina, elas são umas duplas mais antigas também...

C.G. - Tem uma do Nordeste também, que é... Eu sei que são umas três duplas que existem, que elas apitam ainda, que são as mais velhas, eu não sei te dizer o nome, mas eu sei que é uma do Nordeste, uma do Paraná e outra de Santa Catarina.

B.G. - A questão de nós sermos assim... Eu como atleta tive poucas vezes uma arbitragem feminina no meu jogo assim, com o Clube de Handebol eu joguei quatro Campeonatos Brasileiros então... Também quando eu fui para Santa Catarina eu joguei Campeonato Brasileiro, e a maioria das vezes árbitros homens, então sim, por isso que na minha lembrança mesmo, hoje a gente sabe por estar vivenciando né, mas antes disso também, a presença de duplas femininas era bem poucas.

J.K. - E a primeira mulher árbitra, vocês saberiam dizer quem é, no Brasil?

---

<sup>15</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação.

C.G. - Não...

B.G. - Possivelmente pode ser uma das meninas que a gente citou, mas a gente não tem esse conhecimento de saber quem é... Não sabemos!

J.K. - E o handebol como esporte Olímpico, como que vocês veem a participação da seleção brasileira, por exemplo, em competições como as Olimpíadas, Campeonatos Mundiais.

C.G. - Eu acho que vem em uma crescente. Vem cada vez, cada vez crescendo mais, principalmente depois do Mundial Feminino<sup>17</sup> que foi quando descobriram o Brasil na modalidade. O Brasil entrou de gaiato no campeonato, de maneira nenhuma era favorito, e que foi indo, foi indo, foi indo até chegar na final. Eu acho que depois desse campeonato o Brasil começou a ficar visado, tanto que a partir daí muitas meninas que jogavam aqui no país foram para fora, e o masculino nessas Olimpíadas surpreendeu, foram bem melhor do que era esperado, eles tiveram bastante competência... Eles podiam ter ido um pouco mais longe, mas aconteceu, eu acho que cada vez cresce mais, e cada vez fica mais visado que é o que é importante, o handebol brasileiro ser cada vez mais visado, para que cada vez cresça mais em termos de patrocínio, contribuição, *visibilidade*, principalmente da mídia, aquilo que não é visto, é a legítima história, o que não é visto não é lembrado, nós vemos agora NBB<sup>18</sup> na TV, nós vemos o Grand Prix<sup>19</sup>, a Liga de Vôlei, e o handebol infelizmente a gente viu... A gente passou no SporTV<sup>20</sup> a final da Liga Nacional<sup>21</sup> só. Eu acho que já foi um grande avanço passar a final da Liga.

B.G. – Eu acho que essa questão de campeonato, principalmente Olimpíadas e Campeonatos Mundiais, o Brasil sempre ia para disputar oitavo, ou sétimo, então, antes de 2012 ali que acho que logo em 2013 nós ganhamos o Mundial foi um divisor de águas sabe, hoje nós chegamos já em uma Olimpíada, em um Mundial com uma visibilidade

---

<sup>17</sup> Campeonato Mundial de Handebol Feminino.

<sup>18</sup> Novo Basquete Brasil.

<sup>19</sup> Competição internacional de Voleibol feminino.

<sup>20</sup> Canal de televisão.

<sup>21</sup> Liga Nacional de Handebol.

maior. Claro, foi que nem a Carol falou, tem uma presença muito grande de jogadores brasileiros fora do país, então a seleção brasileira feminina hoje ela é uma seleção formada aí por tranquilamente doze meninas, treze meninas que jogam fora do país, jogam na Hungria... Então isso também... Noruega também, isso também fez com que a modalidade crescesse muito. E dentro da nossa Confederação hoje, a gente teve legados aí, o Morten<sup>22</sup> que foi o técnico que deixou agora a nossa seleção feminina, deixou um legado muito bacana sabe, acho que hoje o handebol nacional ele tem uma identidade, antigamente nós não tínhamos uma identidade assim, aquela coisa que: “Tu vai jogar contra a seleção feminina, contra a Seleção Masculina de Handebol e eles jogam assim!” Antes não tinha uma continuidade, então que nem a duas semanas atrás nós tivemos um acampamento cadete, categoria de quinze, dezesseis anos aqui no estado. Quem veio dar esse acampamento foi o atual técnico da seleção masculina. O acampamento ele funciona normalmente de dois a três dias, depende qual é a disponibilidade do local e vem um representante da Confederação ou técnico de seleção, ou um auxiliar e seleciona-se juntamente aos técnicos do estado o número de meninos, então nesse acampamento tiveram trinta e cinco meninos escolhidos pelos técnicos, então o técnico vai lá e escolhe dez meninos, pessoal da federação responsável escolhe: “Não, desses dez, esses cinco dá para ir!” e aí eles fazem na verdade uma seleção do estado, e aí os meninos vivenciam treinamentos com o responsável, então isso vem sendo feito já a mais de cinco anos no nosso...Muito mais que cinco anos, hoje meninos que estão na seleção principal foram formados em acampamentos como o que aconteceu aqui a seis anos atrás, cinco anos atrás juntamente com a Confederação e os responsáveis, então tem muito disso, a gente sabe que no último mês tiveram em torno de vinte meninas, então uma menina que jogou com a Carol lá em Osório agora essa semana foi para Hungria, então vinte meninas saíram na última semana até onde a gente sabe, para... Do nosso país, para ir morar fora para jogar, então o handebol vem crescendo muito, acho que as Olimpíadas nos deu uma visibilidade legal, mas tem muita coisa que é fogo de palha assim. A Olimpíada é legal, ela está acontecendo, mas o esporte que não investe na mídia, ele não aparece, então hoje a nossa Confederação não tem valor para estar investindo na mídia sendo que pode investir na modalidade então se tu não chegar lá e tu oferecer mais que o Futebol vai oferecer, que isso é inviável para outra modalidade, tu não vai aparecer na mídia, é comprar o espaço, é

---

<sup>22</sup> Morten Soubak.

que nem a música, que nem a cultura, então o que tem investimento que é pago, aparece, enquanto isso, a gente vai aos pouquinhos.

J.K. - E como é a presença das mulheres na arbitragem nessas competições, em Mundiais, em Olimpíadas, como que vocês veem a presença delas?

B.G. - Acho que foi mais ou menos o que a gente já havia falado assim da questão do crescimento, acho que essa dupla agora que está mais ativa, de Mundial, elas veem dando um reflexo bem bacana, porque hoje é mais visto, hoje é mais visto e assim como a nossa Confederação está insistindo mais em duplas, as Confederações de outros países também estão, então aos poucos a gente... Assim como em todos os campos hoje, de trabalho, profissional, pessoal, a questão das mulheres está sendo mais ativa, então teve um crescimento bem bacana, a gente espera crescer cada vez mais e sem dúvida acho que isso... Que nem a evolução na modalidade, a evolução na modalidade vai acontecendo e quando tem pioneiras e os reflexos vão passando de tempos a tempos vai aparecendo, acho que hoje tem muita mais, olha, a alguns anos atrás a gente mal via.

J.K. - Bom, o que eu tinha para perguntar para vocês era isso, vocês gostariam de falar alguma coisa que eu não perguntei para vocês?

C.G. - Não... Acho que gostaria de agradecer pela oportunidade e te parabenizar pelo interesse na modalidade que é um esporte apaixonante que cada vez mais tu vai se interessar por ele e que se tu tiver a oportunidade de jogar, pratica, que cada vez mais tu se inteira e tu fica dentro da modalidade do estado, é muito importante assim pra nós que cada vez mais, mais pessoas de fora queiram estudar, queiram participar, queiram ver a nossa modalidade.

B.G. - Eu faço mais ou menos as palavras da Carol assim, um agradecimento pelo interesse... E assim, até agregando a tudo o que a gente já falou, como tu vem pesquisando, tu vem te inteirando, a gente coloca à disposição também o nosso treinamento, daqui a pouco tu vai para o litoral ou vai para a praia, tu tem interesse em acompanhar uma categoria de base, fica a disponibilização assim, a gente disponibiliza, pode entrar em contato conosco caso tu queira daqui a pouco vivenciar algo a mais, que nem a Carol falou

assim, uma vez eu fiz uma clínica, uma clínica assim, uma participação com duas pessoas que eu sempre fui muito fã no esporte, que é o goleiro Maik<sup>23</sup> e a Lucila<sup>24</sup>, eles são um casal, são casados, o Maikel é goleiro da seleção, e a Lucila por muitos anos também foi jogadora de seleção, hoje ela já se aposentou para a seleção brasileira, ela joga e ele falou... Eu sempre tive muito interesse de conhecer ele, eu fui convidada pela faculdade que eu estava em graduação para participar, e ele falou uma coisa assim que é o nosso pensamento sabe, a gente vai olhar e é apaixonante assim, a vibração, a intensidade que o jogo acontece, porque ele é um jogo que ele está sempre quente sabe, é tudo muito rápido, tudo com emoção, tudo com razão, assim, muito... Momentos, segundos sabe, então ele, realmente, todo mundo que vem a pesquisar, acaba se apaixonando e querendo cada vez mais, então te desejo boa sorte nesse trabalho, caso tu precise de mais alguma coisa, pode entrar em contato conosco, então todo o sucesso do mundo para ti.

J.K. – Muito obrigada gurias, eu agradeço muito vocês.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>23</sup> Maik Santos.

<sup>24</sup> Lucila Vianna Santos.